



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

7 DE DEZEMBRO DE 1963  
ANO XX — N.º 515 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## A OBRA DA RUA em Angola

**P**ISO terra de Angola a terceira vez. Um pouco mais de três anos medeia entre a primeira chegada e agora. Parece que foi ontem... e tão diferentes: Angola e eu! Em Junho de 60 o vulcão rugiria já surdamente nas entranhas... Uma explosão assinalara-o mesmo... e próximo: no Congo acabado de receber a independência. Os nossos ouvidos, porém, permaneciam surdos e tudo que aconteceu foi como em surpresa.

Três anos apenas! Parece que foi ontem... e tão diferentes: Angola e eu! Quando aqui desembarquei, então, vinha em serviço: serviço imediato de uma Obra que Deus suscitou na inteligência e no coração de Pai Américo como uma força-viva capaz de o ultrapassar. E como essa Obra é um serviço ao País, eu trazia na consciência a certeza de vir a bem da Nação.

Trazia comigo e com Júlio, meu companheiro, a notícia feliz e palpitante

de que a força-viva que Deus imprimira à Obra não parara, apesar da morte do inspirado Fundador e do redemoínio que o Demónio logo forjou. E vinha lembrar que o mais evidente sinal de vida, era a revogada de rapazes que todos os anos nos cabia pôr a voar por si, já que a «Obra da Rua» é à semelhança de uma Família, e os Pais nunca cessam de todos os cuidados sobre os filhos, antes costumam dobrá-los quando eles estão criados.

O momento para receber resposta pronta não era dos melhores. (Os órgãos económicos parece possuírem mais dotes de previsão do que os homens que os fazem e governam.) Ainda assim vieram alguns para Angola e Moçambique. Mal eu sabia como depressa viriam mais, muitos mais, não na missão de povoamento em

Cont. na Segunda pág.

## CRÓNICA DE VIAGEM

### DESPEDIDA

— No dia 27 de Outubro, segunda-feira, às 10 horas, despedimo-nos da malta e superiores da Casa. Foi nessa hora triste e de saudade que tivemos o ensejo de conhecer e apalpar de perto o laço familiar que nos une a todos, do mais novo ao mais velho. Desapareceu a coragem para comunicar tudo o que sentíamos; as lágrimas deram testemunho vivo, verdadeiro, eloquente do amor que nos estreita; amor esse gerado em liberdade bem conduzida e respeito mútuo.

Por António de Azevedo

Amo esse momento, vibro ao lembrá-lo, porque não ouvi palavras; contudo, esses gestos de simplicidade, essas fisionomias agora mudadas, mostram a realidade dum facto que nunca se há-de consumir enquanto a Obra for Obra.

Amo a Obra, porque a vejo pobre, silenciosa, vagarosa, mas com firmeza, caminhando no seu trabalho esgotante, na formação de homens autênticos que hão-de dar os passos

na vida sem retroceder; homens íntegros, conscientes dos deveres familiares e sociais, dum só pensar e dum só agir. Amo a Obra, porque a vejo receber com ternura e amor de mãe o andrajoso, o quase rejeitado pela sociedade, para o fermentar para as rudes fainas da vida, incitando-o a prosseguir com energia, sem esmorecer na longa caminhada rumo à felicidade a que tem direito, o de outrora sem préstimo algum.

Amo a Obra, porque é pobre; eu

Cont. na 2.ª pág.

Foi no dia 16. Depois de uma breve pausa em Luanda, desembarcámos no Lobito. E cerca de 30 Km andámos é a Casa dos Rapazes, mesmo às portas de Benguela, que nos recebe. Viemos quase em silêncio. O grande mundo não deu pela nossa chegada. Foi tudo a nosso modo. Alguns Amigos e Rapazes que foram nossos, numa afirmação de que a Obra da Rua é uma família, quiseram dar-nos o abraço de boas-vindas. Não houve festa, nem barulho.

Viemos encontrar 51 rapazes, entregues aos cuidados de um casal, ainda jovem, pai e mãe, que lhes deram do melhor que sabiam e podiam, até ao cansaço e esgotamento. Viemos ao encontro de muitos outros que ainda não podem viver debaixo do nosso tecto porque não há lugar. A casa tem lotação para 50 e estamos 63. Mas não os enjeitamos. Viemos por causa deles. Ao serviço deles e dos Pobres queremos consumir a nossa vida.

Instaurar uma ordem nova, onde mandar a tradição e a inércia pesa, nem sempre é trabalho fácil. É norma corrente, em casas de assistência os principais interessados, os que beneficiam da assistência, serem elementos passivos.

## Benguela

Por PADRE MANUEL ANTÓNIO

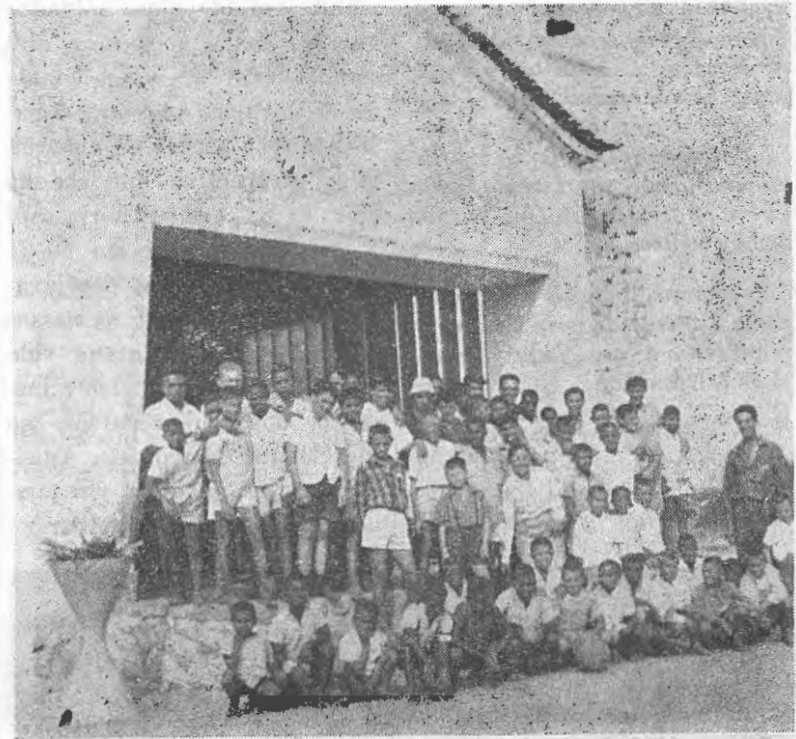
— ao mais velho, são os construtores da Obra que, por esse motivo, é deles. É uma Casa de trabalho, onde se come o pão com o suor do rosto. Onde ninguém tem o direito de se sentar à mesa sem que o tenha merecido antes, pelo trabalho. É uma Casa de família para os que a não têm. Uma família cristã cujo alicerce é o SS.mo Nome de Jesus, sobre o qual está construída.

Graças a Deus, a dificuldade que poderia resultar do descontro de estruturas, de maneira nenhuma é invencível. Logo no primeiro dia, Zé Luis — o mais pequenino que veio de Paço de Sousa — sentado no chão, brinca cercado por um magote deles da mesma idade. Estabelecem-se, deste modo, os primeiros contactos em ambiente de tamanha simplicidade que, a olhos estranhos, mais parece um encontro de irmãos que há muito se não viam.

E o fermento vai levedando a massa. Actua lentamente, mais no silêncio do exemplo do que no ruído da palavra. Assim é que deve ser. Esta a missão dos 11 que vieram connosco da Metrópole.

Continua na Terceira página

À porta da Capela toda a comunidade da Casa do Gaiato de Benguela.





# Malanje

A falta de crónica de Malanje, certamente devida ao atraso de correio, ou à impossibilidade tão compreensível de Padre Telmo, na tarefa do arrumar a Casa, fez-nos lançar mão das primeiras notícias que chegaram.

Quim Perozelo, ainda no mar, escreve ao João da Rocha a por-memorizar os momentos de maior emoção:

«Como sabes, saímos de Lisboa no dia 2 de Novembro, sábado, às 4 horas da tarde, e chegámos a Luanda, no dia 13, às 2 da tarde. Estavam à nossa espera, o Bartolo, o Domingos e o Fernando Inácio. Estivemos 2 dias em Luanda e no sábado às 6 horas da manhã, partimos no comboio, e chegámos a Malanje às 8 da noite. Foi um dia de viagem; tudo correu bem. No «Rita Maria», ao passarmos o Equador, nunca mais me esquece este dia, por vários motivos. Um, porque faz anos a tua preferida. E o outro porque neste dia foi-nos dado o célebre baptismo. Eu preveni-me mais o Neca e o «Cobra» e aparecemos de fato macaco para o célebre banho; o Doutor Juiz deu a sentença: fazer-nos a barba com uma navalha de madeira, com pouco menos de um metro de comprido, «shampoo» feio de duas espécies, uma de ovos podres, outra de água com farinha esquisita, e o pincel era uma brocha dos trolhas caiarem; foi partir a moça a rir. Quando apareceu o Toininho vestido de mulher ficou um cristo. Esborracharam-lhe um ovo podre na cabeça, e fizeram-lhe a barba e enfiaram-lhe um balde de água pela cabeça abaixo, etc. etc. etc.»

Em Luanda fazem-se dois grupos a caminho de Malanje. O Tónio angolano diz:

«Quando fomos de Luanda para Malanje tivemos um furo, faltou-nos a gasolina, partiu-se a mola do Opel, mas conseguimos chegar a Malanje graças a Deus».

Do outro fala o Neca:

«Quando chegámos a Malanje fomos recebidos duma maneira que parecíamos os ministros da República. Grande gente à nossa espera. Depois levaram-nos a casa de carro e já tinham a mesa posta com grandes bolos e comida para vinte e eramos só cinco dos maiores, pois os outros tinham ficado em Luanda para virem no carro. Isto foi no sábado à noite».

E continua a narrar a primeira visita ao local da nova Casa com imprevisto a que Padre Telmo já está habituado:

No domingo da parte de manhã fomos visitar a cidade, e da parte de tarde fomos a Culamuxito. Visitámos a quinta e de

volta o carro não arrancava. Nem queiras saber! Ficámos enterrados a chover e nós a arrancar capim, a partir ganos de árvores para botar na estrada, para ver se saíamos dali. Mas tivemos de ir a uma aldeia de pretos e chegámos na altura em que tinha morrido um, e lá estavam eles no batuque a fazer a sua festa de luto. Lá trouxemos vinte pretos, e só assim é que saímos. Olha, foi uma alegria. Mas em pouco tempo vimos os costumes de África».

Agora estão no que é seu, a cumprir conscientemente uma missão. Daí a alegria transparente do Manuel da Creche:

«Aranha, dá parabéns a todos os teus colegas. Eu estou muito contente de aqui estar. Tu bem sabes que te não posso escrever muitas vezes. Nós estamos muito contentes».

As amizades verdadeiras, mu-

daram em saudades profundas. O que o Cupa diz ao Tóto é a expressão escrita do sentir de todos:

«Miguel eu sei que sentiste a minha falta, e eu também a tua. Mas temos que ter paciência. Espero pela tua resposta de notícias muito importantes, para eu ficar a saber que os amigos não morrem assim tão cedo, porque já sabes como é, camarada. Dá cumprimentos a essa malta toda, e diz ao Américo que diga alto no refeitório para que eles saibam que eu ainda não me esqueci deles».

Finalmente o sentido da presença tão bem expresso pelo Neca na sua carta ao Domingos:

«Um grande abraço para ti. E aperta uma mão contra a outra fazendo de conta que é a minha».

E ao «Pardal»:

«Cumprimentos a teus chefes e aos que eram meus na casa 3 de cima e aos meus camaradas.

Recebe um grande abraço que vai daqui aí pelo sentimento da saudade».



O grupo completo à proa do «Rita Maria». No fundo o mar de Angola.

## Crónica de viagem

Cont. da PRIMEIRA página sou pobre e não encontro nenhum objectivo melhor do que ser pobre para avaliar quanto de valoroso e heróico a Obra tem feito por nós, faz e fará pelo tempo além. Por isso, eu, ou melhor, nós todos que vivemos debaixo dos seus telhados, devemos-lhe ser gratos e reconhecidos e honrá-la

em todos os momentos quer dentro quer fora dela.

— Repouso na Ericeira.

Chegámos à Ericeira às 22 horas do mesmo dia, para aí descansarmos um pouco e aproveitarmos melhor interiormente com a ajuda do Senhor Padre Francisco, para enfrentarmos com confiança os perigos da viagem que vamos empreender. Com a Força Divina acredito que nos vamos sair airoso da missão que começamos a desempenhar e para a qual fomos destinados.

Tivemos um cozinheiro do Tojal à nossa disposição, ao qual demos bastantes canseiras. Foi o «Samaritano»... mas sem ser da Samaria.

1 de Novembro: Visitámos Setúbal e viemos dormir ao Tojal.

2 de Novembro: Na presença dos nossos irmãos mais velhos e dos Senhores Padres da Obra e Amigos, largámos do cais da Rocha em Lisboa, às 16h. e 10m. destino a Angola.

2, 3 e 4: Entrou o senhor enjoo a fazer das suas à malta. Por isso não foi possível fazer o desbaste do costume!

5 e 6: São-nos revelados pelos Senhores Padres alguns dados acerca da nossa actividade, que vai prosseguir nas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela.

8: Tivemos informação do Senhor Comissário do «Rita Maria» da cerimónia do «baptismo» ao passar pelo Equador.

Os batatinhas ensaiaram umas danças e cantigas, afim de dar côr e brilho à festa do dia anterior. Melo foi o maestro, mas sem batuta!

9: Sábado. Logo de manhã a azáfama era notada por todos os viajantes de bordo. Às 16,30

# A OBRA DA RUA em Angola

paz que eu sonhava ser bem para eles e para a Pátria, mas para defenderem os direitos desta na guerra. Desde então, em todo o Ultramar português temos mantido continuamente mais de vinte soldados gaiatos, desde a Guiné a Macau, e neste dia, se as contas me não falham, são vinte e um.

Como me parece hoje estreita a perspectiva que era há três anos o meu horizonte! É verdade que já em 60 (e antes, mesmo!) nós desejávamos não só mandar os nossos rapazes a tratar da sua vida e a colaborar assim com a modéstia dos seus recursos, no incremento da vida em Angola, mas desejávamos vir também como Obra, trabalhar ao

Cont. da PRIMEIRA página

serviço dos Pobres, nomeadamente dos filhos de ninguém, que parece havê-los e muitos, cá como na Metrópole. Mas nem contava então que pudesse ser tão cedo, nem talvez fôsse capaz de achar que já podíamos, se as minhas duas vindas anteriores me não tivessem despertado para os horizontes incomparavelmente mais dilatados que Angola me deu — mais dilatados pela sua urgência de Paz do que pela extensão da sua superfície.

Hoje não venho só. Tampouco trago comigo um companheiro apenas. Sou o vigésimo sexto de um grupo de mais vinte e cinco que vêm

para ficar. De um grupo..., melhor direi: de dois, cada qual a fixar-se em sua região: Malanje e Benguela.

São, pois, vinte e um gaiatos obreiros da paz pela Justiça — tantos quantos os seus irmãos que velam de armas na mão no Ultramar português. Quem dera que estes depressa se pudessem juntar àqueles na doce tarefa, embora árdua, de salvar rapazes pelos próprios rapazes com a graça de Deus!

O amor, a Caridade entre todos os homens por quem o mesmo e único Senhor Jesus deu o Seu Sangue — é o dom que ambicionamos vir enriquecer com a nossa presença em Angola. Presença de obreiros humildes mas de almas cheias de bons desejos.

Que o divino auxílio seja sempre conosco na dilatação do Seu Reino, Reino de Justiça, de Amor e de Paz.

Visado pela  
Comissão de Censura

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



# PATRIMONIO DOS POBRES



O sol de hoje veio encher o dia todo, depois dos dias bem fustigados de inverno. Para os irmãos pobres o inverno é tormento e maldição. Quando o tempo é bom até na rua se vive. Mas num ambiente de lama, também a vida é mais facilmente lama.

Não temos saído de casa a dar voltas pelo centro e sul a ver construções e vontades de construir. Temo-nos limitado a responder às cartas e animar todos os que se preocupam activamente com os problemas de irmãos aflitos.

Sabemos das intenções dos vicentinos da Figueira da Foz e vicentinos da Maceira; o entusiasmo do pároco e parquianos da Lousã; a doação, compreensão e heroicidade do povo e famílias pobres de

Oeiras; pessoas de Algés que querem ajudar situações de esmagamento; em Medelim começaram há muitos anos e prometem só parar no fim; e assim em muitas freguesias por Portugal fora.

Muitos párocos (muitos párocos no número, mas poucos na proporção das necessidades) têm continuado a ajudar a tornar decentes e humanas habitações que o não eram. Este é o trabalho que mais nos agrada e faremos tudo para os ajudar logo. Educa mais, pois exige esforço, abnegação e equilíbrio dos Pobres. Torna-os mais dignos e mais conscientes. É sempre a sua casinha. Faz parte do seu ser. Ai o testemunho de tantos que têm preparado casas com o sangue das próprias veias!

Não temos saído a dar voltas, mas os Pobres têm vindo ao nosso encontro.

Ontem veio uma mulherzinha de muito longe. Já com muitos anos trazia pela mão uma pequenita órfã de que ela tomou conta. Esmagou-me com lágrimas e atitudes. Se não fosse profano diria que representou uma peça de teatro. Vive só com a pequenita e anda a vender pentes, pois não pode fazer mais nada. Tem a renda muito atrasada e o senhorio ameaça com o tribunal. Ela queria à força, que lhe desse uma casa. De há uns tempos para cá eu devo ter sido a pessoa mais procurada por causa de casas. Com o meu não, fica-me sempre a amargura de quem me procura.

Há dias fui visitar uma família e alegrou-me com o décimo quarto filho, um rapazão com seis quilos e um quarto. Era hora da ceia e só metade da família estava à volta da mesa, quase todos de pé, pois há apenas três cadeiras. Os que não cabem comem na segunda rodada. Os mais velhos esperam que os mais novos comam. Todos muito alegres e a ceia era só de sopa mal adubada e um naco de boroa a cada um. O pai chegou já eu lá estava. Vinha derreado com o longo dia de trabalho, mas trazia alegria no rosto. Só tinha na mesa sopa e boroa e ele necessitava bem de uma alimentação cuidada, pois tem

chegaram e começaram então a célebre cerimónia.

Eis o quadro da festa:

Rei Neptuno  
Adv. de Defesa

Rainha  
Adv. de Acusação

Carrasco e sua navalha com 80 cm de comprimento.

Fazendo de pincel de barba, a brocha dos trolhas.

Água e farinha eram o «stick» para a barba.

«Shampoo» para acamar o cabelo, ovos podres. A finalizar esta brincadeira sentaram-nos num banco e enterraram-nos um balde de água pela cabeça abaixo. Era o princípio do banho.

Após estas comiquices e sem que contássemos com tal, surgem de surpresa 5 mangueiras a lançar água salgada contra todos. Ficámos que nem pintos.

Às 21h. e 30m. um serão oferecido pelos nossos colegas mais pequenos, que davam brilho à festa cantando e dançando as várias modinhas. Melo também colaborou, cantando «Deus e eu» na sua voz maravilhosa de rouxinol. Foi um sucesso...

10 Domingo: Houve jogos, pesca, damas, etc. e por fim distribuíram-se prémios assaz valiosos aos pequenos viajantes do «Rita Maria». Os Senhores Padres tiveram um pacote de bolachas. O Azevedo, menino de 23 anos, teve o prémio da popularidade: um carrinho de corda Renault para se entreter nas horas de ócio. E todos os «baptizados» da véspera receberam o respectivo diploma.

11: Às 23h. 30m. desapareceram do camarote do Sepadre Manuel António os seguintes objectos: uns óculos de largo alcance, um cinto e um livro de aventuras do Pinocas.

Pede-se a quem tiver estes objectos o favor de entregar ao dono.

12: Campeonato de ping-pong.

Senhores P.es Manuel e Tel-

mo foram às finais, tendo o primeiro ganho a cobiçada taça.

Finalizando.

Já estamos no Ultramar. A Metrópole fica muito distante, mas muito perto do coração. Por isso, meus caros irmãos e leitores, por hoje nos despedimos de vós, lembrando-vos nas nossas orações.

Felicidade e até à próxima, se Deus permitir o nosso contacto convosco através do Jornal.

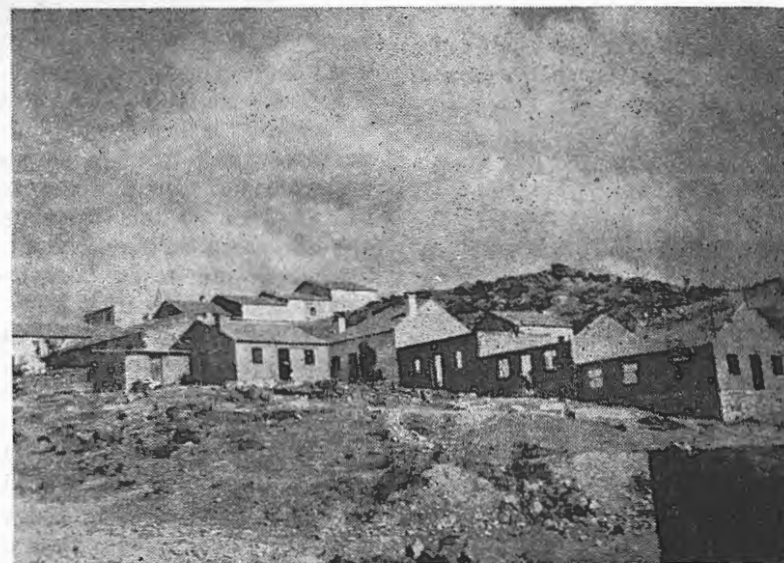
## BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA página

Começa o dia normal de uma Casa do Gaiato, Casa de trabalho, onde o dinheiro tem o seu lugar mas nunca será o primeiro nem único capital a render. Há que secundá-lo com o suor do rosto. Há que merecê-lo. E não há tempo a perder.

António à frente, «Passarinho», «Mineiro» e «Casaca» de enxada em punho capinam as hortas e limpam o bananal. João — até há pouco o «Cobra» — é o carpinteiro. Não tem banco nem madeira. Há que improvisar. As tábuas que serviram de caixotes para bagagens dão muito bem para uma mesa de sapateiro, onde o Almerindo trabalha e dirige. Vítor, Manuel da Creche e Zé Luis têm escola e nos tempos livres limpam os terreiros com o Xico de Braga no comando. O Melo será o «homem» do exterior. Mas enquanto não tem que fazer nesse lugar, trabalha no bananal e onde a sua presença for mais necessitada.

Passou-se o primeiro dia. Admiração e espanto dos que cá estavam. Não foi preciso dizer nada. O exemplo arrasta e convence. O fermento começou a actuar. No dia seguinte toda a gente comeu o pão mais saboroso da sua vida. Pão regado com o suor do rosto.



passado grande parte da vida nos Sanatórios, mas a casa do Património que agora habita é nova, airosa, com divisões suficientes e cheia de filhos que lhe enchem o coração. Vi-o muito contente a beijá-los um a um. Despedi-me contente, com a alegria daquela família na sua casa nova, mas muito triste com a falta de pão e de conforto que ali senti.

Tu, irmão que me lês, que tens casa com mesa e cadeiras e pão com abundância, preocupas-te alguma coisa com o irmão a quem tudo isto falta?

Padre Horácio

## Cantinho DOS RAPAZES

Nestes longos dias entre o céu e o mar, tenho saboreado devagarinho os textos das Epístolas dos dois últimos domingos, ambos de S. Paulo aos Filipenses. Como nas transparências do cinema, vós apareceis-me e assim (Deus me perdoe o atrevimento, pobre pecador que sou!), e assim nos encontramos todos em Paulo e nos seus cristãos de Filipos.

Os dois textos deixam-me uma impressão certa: a profunda comunhão de vida e de missão entre o Apóstolo e aqueles que ele gerara para a vida divina.

«Deus é testemunha de como vos amo a todos com a ternura de Jesus Cristo»... «Na verdade, quer nas minhas prisões, quer nos meus trabalhos em defesa e consolidação do Evangelho, vós participais na graça que me foi dada». Por isso, «tenho confiança que o Senhor, havendo principiado em vós a obra da salvação, continuará a aperfeiçoá-la até ao dia do regresso de Cristo Jesus».

Comunhão de vida fundada no amor de Cristo por todos e no amor de todos ao mesmo Senhor Jesus. Paulo foi extraordinariamente amado por Cristo para levar o Seu amor aos homens. E foi fiel à sua vocação. Por isso ele acha «justo pensar o mesmo dos irmãos». Que o amor de Cristo que lhes revelou e deu não seja neles uma graça morta, antes dom em actividade para a perfeição — o que é sempre revelação e comunicação do amor de Cristo àqueles que testemunham a obra que Ele realiza em nós.

É neste sentido de humildade reconhecida pela Graça viva que o Senhor lhe fez, que Paulo convida: «Procurai imitar-me e ponde os olhos naqueles que seguem o exemplo que vos dou».

E depois, lembrando-nos que «somos cidadãos do Céu» (para isso nascemos), o Apóstolo «chora que muitos procedam como inimigos de Cristo, parecendo que têm por Deus o seu ventre ao não apreciarem senão as coisas da terra». Pelo contrário, aquilo que ele pede «é que a vossa caridade cresça sempre mais (...) para que possais distinguir o que é mais perfeito, afim de vos encontrardes puros e sem pecado, quando Cristo voltar».

Comunhão de vida fundada no amor de Cristo por todos. E, porque este amor é uma força viva, deve conduzir-nos a transmitir o amor recebido a outros, a quem Cristo ama também e a quem quer revelar e dar o Seu amor por meio de nós. Comunhão de vida... hoje, comunhão de missão.

Queridos Rapazes, «minha alegria e minha coroa», não vêdes neste pensar de S. Paulo o pensamento de Pai Américo?...

Obra para rapazes, pelos rapazes... Obra para a salvação de rapazes, que amanhã hão-de ser homens amadurecidos, preparados para o regresso de Cristo Jesus. Esta salvação, na medida em que vai sendo comunicada a uns, há-de ser passada por estes a outros numa estafeta sem fim, de casa em casa, de oficina em oficina, de jogo em jogo, de geração em geração, até que todos tenham crescido na Caridade de Cristo até à plenitude da sua medida, a qual, uma vez cheia, lhes dará luz para distinguir e força para viver o que é mais perfeito.

Que teria feito S. Paulo se aqueles que ia gerando para a vida da Graça o não ajudassem na expansão do Evangelho?

Que faríamos nós, pobres brasileiros lentos, se vós, meus filhos, na medida em que «cresceis no conhecimento e na compreensão das coisas de Deus», nos não fosseis ajudando a fazer conhecidas e compreendidas as mesmas coisas por outros irmãos vossos?

Como poderia eu não vos ver em transparência nestas páginas de S. Paulo, sobretudo nesta hora em que caminhamos para uma etapa nova de evangelização, na qual os vinte e um de vós que nos acompanham têm um papel directo e importante (cada um na medida da sua idade e dos dons que tem recebido) e vós, os que ficaste na Metrópole, tendes também um papel importante e também directo, enquanto vos cabe realizar aí o

Continua na QUARTA página

### «O Gaiato»



De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes





# Diálogo

# ORDINS

Por  
PADRE VIEIRA

Diálogo é uma conversa de dois. Desta vez eu e o Américo.

— Na hora que vivemos dentro da Obra e na consciência da participação da responsabilidade que te cabe, como chefe da Casa de Paço de Sousa, encontras nos nossos rapazes, também, um sentimento de mais responsabilidade?

— Há sim, a malta compreendeu...

— Queres dizer que o momento da fundação das Casas...

— ...ajudou a malta a compreender-se mais. Mas eu quero referir-me a isto de maneira que não foram eles a iniciar hoje vivem nesta saúde: «Agora eles lá estão; eles vão para uma vida dura». E fazemos o possível por merecer aqueles que foram, trabalhando e esforçando-se.

— Tens observado concretamente...

— Sim, em conversa com os maiores, eles: «agora quem dera que isto corra bem». Esta foi de facto uma hora de entusiasmo que continua e se faz sentir numa melhoria de comportamento cá em Casa.

— E parece-te que isso será também um estímulo para os que foram?

— Isso é fundamental para eles, concerteza. Sabiam a missão que os esperava, as dificuldades que iam ter. E, agora, apesar dessas dificuldades, sabem que a gente aqui, fazendo o possível porque a coisa corra bem, eles também vão fazer o possível e até com alegria, para que a Obra resulte. Mesmo até os mais pequeninos sabiam um bocadinho da missão que levavam. Eu cuido que isto é a Obra. Aqui em Paço de Sousa nunca vi e estou aqui há

sete anos, nunca vi como agora, na malta, um interesse por amar. Quando vim para cá, lembro-me que havia grupinhos, camadas de grandes à parte dos outros. Não havia tanta unidade como hoje. Neste progresso feito eu tenho sentido que a malta ama, ama de verdade. Viu-se no momento da partida.

— Sim e isso foi um momento mais sentimental, mas sobretudo na última refeição, a emoção era mais significativa. Olha e parece-te que para além da formação que a Obra dá aos rapazes, haverá ainda uma influência benéfica na gente de lá?

— Eles levam os princípios daqui, que são estupendos. E lá, enraízam aqui, se eles não perderem o que aqui levaram, e creio que não, a nossa Obra tem qualquer coisa de especial que faz cativar. Eles foram com o estímulo de querer agradar. Tenho a certeza que levaram ansia de conquista.

— Portanto não foram à espera que outros lhes façam bem mas sim com a ideia de acção, de fazer bem.

— É claro, pois, isto é a tal ideia de missionários...

— E não de funcionários...

— ...como disseram alguns jornais.

Obreiro não é só aquele que fica ao serviço da Obra, mas todo aquele que um dia lá fora se porta bem. Todos nós somos marcados com um sinal e lá fora conforme procedermos é como julgam a Obra. É talvez isto que ainda não está bem metido na malta. Olhe um exemplo: Um dos nossos que foi de Paço de Sousa. Estávamos três no mesmo consultório à espera do Doutor. Mas ele já tem fama de que não passa cartão aos Gaitados. Nós queríamos cumprimentá-lo, fazer-lhe uma festa. Não senhor. Nem olhou para nós; custou-nos muito.

— Achas importante o até fundamental o sentido da doação do Fernando e da Emília e até da tua doação à Obra?

— Uma vez o Senhor Padre Manuel António pôs-me o problema e eu disse: O Senhor sabe o que é uma bola de futebol? Chute-me para onde quiser! E digo-lhe com franqueza que estou mortinho por ir. Eu tive um princípio, como todos sabem, que foi terrível. Dei tantos trambolhões, até que hoje, graças a Deus, lá me endireitei. Sinto uma ansia de pagar com bem o mal que fiz. Mas digo-lhe isto sinceramente. Já o disse e continuo a dizer. E até à malta mesmo para que eles sintam, os que tiveram um princípio terrível, feio e mau, que não desanimem porquê, conformem-se, eles também podem. Agora a minha ansia toda é de estar ao dispor e servir, servir, servir

Demos graças a Deus, que cada vez é maior o auxílio que nos chega, de toda a parte, em palavras e obras.

«Peço desculpa deste meu alvitre (lembrava que se fizesse exposição dos nossos trabalhos, nalgum salão paroquial de Lisboa)... mas ele proveio apenas do amor que tenho a esta obra». «Votos de montões de trabalho».

Outra assinante fala com ardor da alegria que tem, ao ver n' «O Gaiato» o artigo, onde se fala da «nossa querida obra de Ordins».

A assinante n.º 2164 chama-lhe «obra de Deus», e pede uma oração, para que se converta um chefe de família. (Os laços espirituais são os que mais prendem).

Outra vez: «Deus abençoe o Senhor Padre Vieira», e lembra a

campanha dos selos, a favor da exploração da água, que está mesmo já a chegar ao depósito da Casa. E continua, entusiasmada: «o que quero é ver Ordins a progredir muito».

Uma de Lisboa: «estas encomendas são para colegas e amigas minhas, junto das quais tenho feito propaganda dos chales de Ordins. Duas delas já é pela segunda vez que fazem encomendas deles, o que prova que não há melhor propaganda do que as pessoas verem e experimentarem como eles são bons, bonitos, baratos e quentinhos».

Outra fala a encomenda, com estas palavras: «são destinados a pobres da minha freguesia; desejava assim dar uma achegasi-nha em dois lados, ao mesmo tempo», e diz que tem «toda a simpatia e

admiração pela obra».

As encomendas têm seguido ritmo consolador:

Oeiras de Cima, 1 colcha; Porto, 1 chale, uma camisa e 2 pegas; Lisboa, 2 tapetes, 1 tapete, 1 manta e 3 chales; Elvas, 1 chale e 2 tapetes; Marinha Grande, 200 pegas; Eixo, 1 chale e 2 tapetes; Beira, 2 tapetes e 2 chales; Eírol, 3 chales; Rosário, um chale; Funchal, 5 chales; Capela, três mantas e 2 pegas; Algés, 1 chale e 2 écharpes; Centro n.º 2 da Mocidade Portuguesa Feminina, 12 chales...

Não continuo com mais citações. Tu, amigo, já sabes muito bem de que obra se trata. O que é preciso é que ponhas em acto a tua Fé, também a respeito do Pobre.

Ficamos à espera da tua resposta. Decide-te. Amanhã será tarde.



QUEM tem lido esta coluna já reparou, por certo, que o assunto não muda. É invariavelmente o mesmo. E, nem sei se alguma vez venha a mudar. Creio bem que não. As situações que se nos deparam, ou de que temos conhecimento levam-nos a duvidar. O doente é algo de necessário no mundo. Há nele valor insubstituível de redenção. E, porque o mundo teme e repele a dor, o doente, que a suporta em abandono, é uma realidade conseqüente àquela temeridade e àquele repelir. É sintoma desta verdade a omissão tão frequente da pessoa do Pobre, quando enfermo, quando inválido, nas estruturas sociais.

Esta coluna fala e há-de na verdade continuar a dizer do Doente e só do Doente abandonado.

Mas o problema deste põe-se em todas as classes. O doente que aparece em casa é algo que pesa, que estorva, que importa arrumar quanto antes, restituindo-lhe a saúde. Ora, esta nem sempre está ao alcance das possibilidades humanas. E, quando o não está, há que arrumar a presença incómoda do doente, seja de que modo for.

O problema põe-se em todas as classes. Ontem telefonamos uns senhores da cidade. Fazem a sua apresentação e dizem dos seus predicados. E entram no assunto. Falam de pessoa de família que está paralizada e precisa de ser internada aqui. Dá muito trabalho em casa. Não sabe o que faz nem o que diz. Estamos cansados. Os senhores têm tanto jeito para tratar doentes! — Respondo que isto é só pra Pobres. Falam-me em cunhas. E se arranjassemos uma cunha forte? Estão enganados, — acrescento. Não trocamos o Pobre. Mas nós damos uma pensão mensal. Não nos deixamos vender por dinheiro nem uma — romato eu. Até entre os ricos o doente pesa. Não admira, pois, que o Pobre não suporte o doente se o rico não pode com ele!

Nós queremos pegar ao colo somente no Pobre que não tem cunhas nem pensões e está doente sem cura. Somos limitados e primeiramente queremos e devemos considerar este.

O problema do doente em abandono põe-se em todas as classes; mas aqui só encaramos o do Pobre mais Pobre, que é aquele que não tem ninguém.

PADRE BAPTISTA

para a frente. Ser necessário, ser necessário. Isso é a minha resposta.

— Américo, a tua resposta traduz tão espontaneamente a tua doação que eu não duvido de que essa doação é fundamental à eficácia da Obra no caso do Fernando e da Emília.

— Sim e graças a Deus que a Moça, a Olímpia, também. Eu não precisava que ela me ajudasse nesse ponto, porque estava cheio. Mas ela tem sido estupenda, porque está também com vontade e através de mim já ama a Obra. Olhe, foi Deus que a colocou no meu caminho.

— Bem sabes quando as coisas são bem feitas é Deus que as faz. Quando são mal feitas é o homem que as encaçalha. E obrigado pela tua ajuda. O teu testemunho e as tuas inconfiências vão dar, estou convencido, alegria e esperança a todos os nossos.

P.e José Maria e Américo

## Cantinho dos Rapazes

Cont. da TERCEIRA página

que a estes pertence desde agora em terras do Ultramar?

Aqui e aí é o Reino de Deus o que nos importa dilatar. E a conquista a empreender, aí como aqui, não é de terras nem de bens deste mundo, mas de almas, que se disponham a crescer na Caridade até ao dia da vinda de Cristo Jesus.

Aqui e aí, é o mesmo Corpo Místico de Cristo que nos faz parte uns dos outros. Por isso estais aí agindo directamente em favor da missão destes vinte e um, assim como estes vos auxiliarão com a sua fidelidade à Graça a que foram chamados.

Queridos e saudosos filhos, alegria e glória dos vossos pais, «permanecei, pois, firmes no Senhor!»

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes